

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

**Adolescência, parentalidade e autoestima:** uma análise a partir da percepção de  
adolescentes

Sthefany Moreno Barboza

SÃO PAULO

2024

Sthefany Moreno Barboza

**Adolescência, parentalidade e Autoestima:** uma análise a partir da percepção de adolescentes

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Profa. Dra. Miriam Raquel Wachholz Strelhow

SÃO PAULO

2024

## **AGRADECIMENTOS**

A realização deste presente trabalho, e da minha formação acadêmica, só foi possível graças:

Aos meus pais, Ivanilde e Oswaldo, que sempre acreditaram em mim. E que por meio de sua trajetória de vida, amor e apoio incondicional, me ensinaram que a educação é libertadora;

À Bruna, Daniela, Giovanna e Marcella, que fizeram os últimos cinco anos na universidade serem mais leves apesar dos desafios;

À Raquel, minha orientadora, que me ouviu, acolheu, acreditou, e tornou esta pesquisa possível;

Ao Guilherme, pelo seu amor nos momentos bons e nos difíceis;

À Nina, minha grande "psicoamiga" e auxiliar de pesquisa;

A todos os amigos de agora e de longa data, que me forneceram abraços, compreensão e risadas neste longo e complexo caminho que escolhi percorrer;

Aos adolescentes que confiaram em mim e compartilharam comigo de seus sentimentos e histórias, com esperança de que fosse fazer a diferença. E fará.

"Tem-me animado até hoje a ideia de que o menos que o escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão."

Érico Veríssimo

## RESUMO

BARBOZA, M. S. **Adolescência, parentalidade e autoestima: uma análise a partir da percepção de adolescentes.** Trabalho de Conclusão de Curso. Psicologia. Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). São Paulo. 2024.

Entende-se a adolescência como uma fase de transição entre a infância e a adultez; a parentalidade como a relação educativa, afetiva e socioformativa entre um indivíduo e seus cuidadores; e a autoestima como a relação que o indivíduo tem consigo mesmo, a percepção de si, sua confiança e valor. O objetivo desta pesquisa foi investigar a percepção de adolescentes sobre a parentalidade exercida por seus pais/cuidadores primários, assim como a relação entre esta parentalidade e sua autoestima. O estudo teve caráter metodológico exploratório, descritivo e qualitativo. Foi proposto o uso de grupos focais com adolescentes de 13 a 15 anos de idade, de ambos os sexos, alunos de uma escola municipal na Zona Norte de São Paulo. Para análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin, buscando-se categorias a posteriori a partir dos objetivos propostos. Foram identificadas cinco categorias relacionadas à autoestima e sua construção; quatro categorias relacionadas ao relacionamento dos cuidadores com o indivíduo na infância; quatro categorias relacionadas ao relacionamento dos cuidadores com o indivíduo atualmente (na adolescência); e, por fim, três categorias relacionadas à influência da parentalidade na autoestima dos adolescentes. Os relatos e as categorias encontradas foram de suma importância para compreender a visão que os adolescentes têm sobre a autoestima e como ela se constrói; como era a relação com seus cuidadores e como se dá agora, na fase da adolescência; e, especialmente, de que forma esta relação afeta sua autoestima. Foi possível entender que os adolescentes que possuem uma boa relação com seus familiares tendem a ter uma base mais segura para construir sua autoestima, enquanto que aqueles que possuem uma relação mais turbulenta tendem a relatar mais dificuldades. Ressalta-se a importância de ouvir os próprios adolescentes através de metodologias qualitativas, para melhor compreensão das temáticas da adolescência, e a necessidade de que mais pesquisas sejam realizadas com ampliação da amostra.

**Palavras chave:** adolescência; autoestima; parentalidade

## **ABSTRACT**

It's possible to understand "adolescence" as a transition phase between childhood and adulthood; "parenting" as the educational, affective and socio-formative relationship between an individual and their caregivers; and "self-esteem" as the relationship that a person has with themselves, their perception of themselves, their confidence and value. The objective of this research was to investigate adolescents' perception of the parenting exercised by their parents/primary caregivers, as well as the relationship between this parenting and their self-esteem. The study had an exploratory, descriptive and qualitative methodological character. It was proposed the use of focus groups with adolescents aged 13 to 15 years old, of both sexes, students from a municipal school in the North Zone of São Paulo. Bardin's content analysis was used to analyze the data, and form categories based on the proposed objectives. Five categories related to self-esteem and its construction were identified; four categories related to the relationship between caregivers and the individual in childhood; four categories related to the caregivers' relationship with the individual currently (in adolescence); and, finally, three categories related to the influence of parenting on adolescents' self-esteem. The reports and categories discovered were extremely important to understand the view that adolescents have on self-esteem and how it is constructed; what the relationship with their caregivers was like and how it is now, during adolescence; and, especially, how this relationship affects your self-esteem. It was possible to understand that adolescents who have a good relationship with their families tend to have a more secure base on which to build their self-esteem, while those who have a more turbulent relationship tend to report more difficulties. The importance of listening to the adolescents themselves through qualitative methodologies is highlighted, for a better understanding of adolescence issues, and the need for more research to be carried out to expand the sample.

**Keywords:** adolescence; self esteem; parenting

## SUMÁRIO

|                                                                     |           |
|---------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>                                           | <b>4</b>  |
| 1.1 Adolescência.....                                               | 4         |
| 1.1.1 MUDANÇAS FISIOLÓGICAS E REPERCUSSÕES PSICOLÓGICAS...          | 5         |
| 1.1.2 AUTOESTIMA E ADOLESCÊNCIA.....                                | 7         |
| 1.2. A PARENTALIDADE.....                                           | 8         |
| 1.2.2. PARENTALIDADE E ADOLESCÊNCIA.....                            | 12        |
| 1.2.3 A RELAÇÃO ENTRE AUTOESTIMA, PARENTALIDADE E ADOLESCÊNCIA..... | 13        |
| <b>2. OBJETIVOS.....</b>                                            | <b>17</b> |
| 2.1 OBJETIVOS GERAIS.....                                           | 17        |
| 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....                                      | 17        |
| <b>3. MÉTODO.....</b>                                               | <b>18</b> |
| 3.1 PARTICIPANTES.....                                              | 18        |
| 3.2 INSTRUMENTO.....                                                | 19        |
| 3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....                           | 20        |
| 3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISES.....                                  | 20        |
| 3.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....                                       | 21        |
| <b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>                               | <b>23</b> |
| 4.1 REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL: PERCEPÇÕES.....                      | 23        |
| 4.2 RESULTADOS E ANÁLISE DAS RESPOSTAS.....                         | 24        |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                 | <b>38</b> |
| <b>6. REFERÊNCIAS.....</b>                                          | <b>41</b> |
| <b>7. APÊNDICE.....</b>                                             | <b>47</b> |
| 7.1 APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....    | 47        |
| 7.2 APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO VOLUNTÁRIO.....              | 51        |
| 7.3 APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO INSTITUCIONAL.....           | 54        |
| 7.4 APÊNDICE D - ROTEIRO DE CONDUÇÃO DO GRUPO FOCAL.....            | 55        |

## 1. INTRODUÇÃO

A adolescência se constitui como um período importante do ciclo vital, especialmente relacionado a grandes mudanças físicas, sociais e emocionais. A autoestima é um dos principais fatores que compreendem a saúde mental, e é diretamente impactada no período da adolescência. Inicialmente apresentar-se-á definições e considerações sobre a adolescência, autoestima e parentalidade, para na sequência discutir algumas implicações possíveis de relações entre esses aspectos.

### 1.1 ADOLESCÊNCIA

A adolescência, para muitos estudiosos do desenvolvimento humano, compreende uma fase de transição de um indivíduo da vida infantil para o mundo adulto (Papalia; Feldman, 2022). Tal fase, de acordo com a OMS, compreende dos 10 aos 19 anos. Nela, o sujeito passa por mudanças fisiológicas (conhecida como puberdade), psíquicas e sociais.

Adolescência e puberdade são conceitos diferentes. Enquanto a adolescência consiste em uma construção social e histórica, a puberdade é um processo gradual, no qual mudanças fisiológicas levam ao aparecimento das características sexuais, encerrando-se quando se atinge o completo desenvolvimento físico, de crescimento, e da capacidade reprodutiva (Santos; Costa, 2019; Xavier; Nunes, 2015). Dessa forma, a puberdade marca o início da fase da adolescência, mas essa não se limita a primeira.

Assim, a adolescência pode ser considerada um período biológico e também psicossocial, pois recebe influência da cultura em que o indivíduo está inserido (Coll *et al.*, 2016; Papalia; Feldman, 2022; Santrock, 2014). Por exemplo, no Brasil, de acordo com o Estatuto da Criança e Adolescente, a pessoa passa a ser considerada um adolescente quando atinge a idade de 12 anos e passa a ser adulta a partir dos 18 anos (BRASIL, 1990). Tal fator cultural impacta diretamente na subjetividade, no tratamento, nos direitos e deveres que o indivíduo terá.

Xavier e Nunes (2015) convergem com tal pensamento quando afirmam que não são só as mudanças hormonais e fisiológicas que afetam o modo de pensar, agir e sentir dos adolescentes, mas também os fatores psicossociais, como a relação com os pais, as relações com os amigos, as exigências sociais e culturais vigentes. Assim, o contexto em que o adolescente está inserido contribui para o impacto que as mudanças fisiológicas terão em sua esfera psicológica.

Desta forma, a compreensão da adolescência não só como uma etapa de transição de responsabilidades e papéis, mas sim como uma etapa de turbulentas mudanças emocionais, de distanciamento da família e aproximação de pares, não é universal<sup>1</sup>, sendo característica de culturas ocidentais (Coll *et al.*, 2016), incluindo, assim, a cultura brasileira.

Segundo teóricos do desenvolvimento, as transformações e dificuldades deste período da vida são o que formam o "Eu" do adolescente, ou seja, sua identidade. Esse processo de formação de identidade, repleto de conflitos e desafios a serem superados, é importante para que o adolescente consiga compreender e criar seu espaço no mundo (Folquitto *et al.*, 2023).

A aproximação com pares, identificação com opiniões específicas, o ato de voltar-se para dentro de si e para sua própria subjetividade, além do desenvolvimento intelectual e emocional, são o que propiciam a formação da sua personalidade, valores, interesses e afetos. As paixões e ideologias costumam ser vividas e sentidas de forma intensa pelo adolescente, podendo representar um reflexo da própria imagem que o adolescente tem de si e da sua identidade emergente (Folquitto *et al.*, 2023).

Assim, faz-se importante um olhar sobre o processo biopsicossocial de ser e se tornar adolescente, para a compreensão sobre esta fase e os impactos dela sobre o indivíduo.

### **1.1.1 MUDANÇAS FISIOLÓGICAS E REPERCUSSÕES PSICOLÓGICAS**

As mudanças fisiológicas pelas quais passa o indivíduo no período da adolescência consistem em mudanças hormonais, com a atuação de hormônios

---

<sup>1</sup> Um estudo feito por Margareth Mead (1928) em adolescentes em uma ilha da Oceania concluiu que os adolescentes desta ilha ao passarem pela puberdade não passaram por nenhuma mudança tensional ou turbulenta ao transicionar da fase infantil para o mundo adulto (Coll *et al.*, 2016).

como estrógeno e estradiol; físicas, como o crescimento, o desenvolvimento de características sexuais primárias, como alterações na voz, e secundárias, como amadurecimento dos órgãos reprodutores; e cerebrais, como aumento de neurotransmissores de dopamina, maturação da amígdala cerebral, corpo caloso e do córtex pré-frontal, que impactam diretamente na parte psíquica do indivíduo (Papalia; Feldman, 2022; Santrock, 2014)

As diversas transformações fisiológicas desta fase citadas acima também repercutem em aspectos socioemocionais do indivíduo (Pereira *et al.*, 2008). Mills e Anandakumar (2023) discorrem mais especificamente sobre como as mudanças cerebrais são responsáveis por padrões de comportamento diferentes nos adolescentes.

Os adolescentes tendem a ser mais sensíveis às opiniões alheias e a vivenciar as emoções mais intensamente por conta da maturação da amígdala, precoce em relação ao corpo caloso, que seria responsável pelo autocontrole e gerenciamento, o que, em combinação com o meio social em que o indivíduo se encontra, podem gerar reações emocionais intensas, comportamentos impulsivos e de risco (Mills; Anandakumar, 2023; Pereira *et al.*, 2008).

Os comportamentos de risco são potencialmente reforçadores, e estão ligados também ao aumento de dopamina, o "hormônio da recompensa" no córtex pré-frontal e no sistema límbico nesta fase, o que faz com que o adolescente esteja mais suscetível a eles. O córtex cerebral entra em processo de maturação na infância e continua se desenvolvendo na adolescência, seguindo até o começo da vida adulta (Andrade *et al.*, 2018; Casey; Jones; Somerville, 2011; Santrock, 2014; Teixeira; Marques; Barros, 2022).

É por conta também dessas grandes modificações cerebrais que o indivíduo nesta fase também está mais suscetível ao desenvolvimento de transtornos mentais. (Andrade *et al.*, 2018). No entanto, vale ressaltar que não é somente por causa das mudanças orgânicas citadas que ocorre o desenvolvimento do adolescente, mas também pelo seu contexto sociocultural e sua subjetividade, como já mencionado anteriormente. Um exemplo disso pode ser observado na cultura Guarani, em que a menarca feminina (primeira menstruação) marca o final da infância e leva ao isolamento de duas semanas da adolescente, mas tal isolamento traz a ideia de voltar-se para si mesmo e para os cuidados com o corpo, e não causa sentimentos de solidão ou tristeza (Vasconcelos, 2021). Assim, as

transformações biológicas adquirem diferentes significados sociais a depender da cultura e experiências do sujeito, e terão diferentes repercussões na subjetividade do adolescente (Folquitto *et al.*, 2023).

### 1.1.2 AUTOESTIMA E ADOLESCÊNCIA

De acordo com a OMS, a Saúde Mental pode ser definida como um estado de bem-estar mental que permite às pessoas gerenciarem diversas áreas de suas vidas, permitindo-as lidar com o estresse, manter relacionamentos, se adaptar a mudanças, fazer escolhas, aprender coisas novas, etc. Enfatizando que *"A saúde mental é um componente integral da saúde e do bem-estar, e é mais do que a ausência de transtorno mental"* (OMS/WHO).

Branden (2011) define a autoestima como um componente da mente, dividida em autorrespeito e autoeficácia. O autorrespeito seria o valor que o indivíduo atribui a si mesmo, o quanto ele se considera digno de felicidade, de viver, do valor de seus pensamentos e ações. Já a autoeficácia estaria relacionada à confiança nos próprios pensamentos, ações e tomadas de decisões. É possível pensar, assim, que um indivíduo com uma alta autoestima é aquele que, ao ser posto de frente com suas características, as aceita e considera-se por meio delas, digno de estar no mundo, e tendo confiança para atuar sobre ele. Ele também diz que a autoestima seria afetada por valores internos, como ideias, pensamentos; e externos, como falas e atitudes das pessoas ao redor do indivíduo, como os pais, a escola, e também a cultura que se está inserido.

A autoestima também seria essencial para a manutenção da saúde mental, constituição da personalidade e da identidade do indivíduo, já que é necessária para a resolução de problemas e desafios cotidianos, bem como para a elaboração de perdas e fracassos (Sanchez; Barrón, 2003; Siqueira; Padovam, 2009)

Assim, uma baixa autoestima, ou seja, uma relação negativa do indivíduo consigo mesmo, seria um fator contribuinte para o aparecimento de transtornos como depressão e ansiedade no próprio período da adolescência e na fase adulta posteriormente (Mruck, 2006; Steigar; Allemand; Robins, 2014).

Assis e Avancini (2004) trazem a autoestima como a relação do sujeito consigo mesmo, a responsabilidade que ele toma por si, e posteriormente como tais

fatores refletiriam na relação com as demais pessoas. A autoestima seria mutável, e poderia ser afetada pelos valores sociais vigentes. As autoras ainda trazem preceitos de Rosenberg (1989), de como as bases da autoestima de um indivíduo também se apoiam em ideias e atitudes de figuras significativas em sua vida. A forma como o indivíduo vive a adolescência é afetada por diversos fatores, sendo os principais as vivências anteriores a este período; relacionamentos com os pares e adultos à sua volta, como amigos e pais; e êxito acadêmico (Coll *et al.*, 1996).

Bandeira e Hutz (2010) e Fragelli e Albuquerque (2022) indicam que na adolescência há uma maior procura pelo adolescente por "se encaixar" em padrões e normas do contexto que estão inseridos. E o Bullying aparece justamente neste momento, como um comportamento agressivo direcionado para comportamentos e aparências físicas que não se encaixam à norma que o indivíduo e seus pares se encontram, e impacta diretamente na autoestima de um adolescente. É na adolescência também que surgem questionamentos de identidade, de autoimagem e imagem corporal, o que pode afetar a autoestima do indivíduo durante todo este período, influenciando também no modo de se relacionar com as pessoas ao seu redor (Pereira *et al.*, 2008; Tucherman, 2019).

É preciso ter em vista também, que a autoestima é um produto de eventos biológicos, culturais, psicológicos e sociais, no qual o indivíduo também assimila valores, crenças e vivências e, assim, passa por processos de aceitação ou rejeição de certos comportamentos e características (Rodrigues; Alves, 2010; Schultheisz; Aprile, 2013).

## **1.2. A PARENTALIDADE**

A Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner (1996) é muito comumente utilizada para compreender de forma sistêmica o fenômeno da parentalidade, pois enxerga o desenvolvimento humano como parte também do desenvolvimento familiar (Barreto, 2016). Bronfenbrenner demonstra que diferentes contextos, como o contexto familiar, a escola e comunidade apesar de específicos, são entrelaçados. Ou seja, as experiências subjetivas resultantes das relações entre o indivíduo e os diferentes contextos de vida, apesar de singulares, estão conectadas, e essa conexão é de suma importância para o desenvolvimento de uma pessoa.

De acordo com Barreto (2016), o modelo de Bronfenbrenner (1996) indica que tais contextos podem ser compreendidos em sistemas. O sistema mais próximo, o microssistema, consiste nos contextos mais imediatos do indivíduo, como o trabalho, a escola e a família. Neste sistema, o indivíduo experimenta uma relação com pessoas que também estão em desenvolvimento e possuem contextos diferentes dos dele.

O mesossistema consiste na ligação e interação bidirecional entre esses microssistemas, como por exemplo a interação entre família-escola. Já o exossistema consiste em contextos que não estão ligados diretamente com o indivíduo, mas ainda assim geram impacto em sua vida, como as políticas governamentais. Por fim, o macrossistema envolve os valores culturais que impactam diretamente em como uma sociedade se constitui, influenciando e sendo influenciado por todos os outros sistemas.

Na adolescência, a família é considerada um dos principais microssistemas atuantes, visto que é na família que ocorrem as principais relações diretas, ou seja, a transmissão de valores, regras, tarefas, competências sociais e culturais. O que pode explicar como o comportamento dos pais e a sua parentalidade afetaria o desenvolvimento socioemocional do adolescente, contribuindo para os sentimentos de valor, pertencimento, confiança, independência e também para a visão que o adolescente tem de si mesmo (Barreto, 2016; Diogo, 2009; Senna; Dessen, 2012).

Ressalta-se aqui que a estrutura das famílias contemporâneas não se resume mais a uma relação *mãe-pai-filho*, podendo ser monoparental, homoparental e incluir também a família ampliada ou extensa, como avós e tios (Bolze; Silva, 2016; Folquitto *et al.*, 2023) e se apresentar em configurações diferentes, como por exemplo, uma família que passou por um divórcio, recasamento, por perdas significativas ou abandonos (Bolze; Silva, 2016; Coelho; Dias, 2014; Mota, Matos, 2009).

A partir da Teoria Bioecológica, entende-se que a família também seria afetada pelo contexto em que se encontra, o que poderia explicar por que ocorrem diferentes tipos de parentalidade e a influência que diferentes valores e crenças, resultantes de diferentes culturas, exercem sobre esses tipos de parentalidade (Tudge; Freitas, 2012). Por exemplo, se a cultura de um país ou comunidade é autoritária, e reforça o uso de práticas disciplinares agressivas e punição física, é mais provável que uma família utilize deste meio por influência desse sistema, como

ocorre no Brasil, por exemplo, um país marcado pela violência e com grande número de denúncias de famílias por abuso físico (Antoni; Koller, 2010).

É importante enfatizar a diferença entre parentalidade, práticas parentais e estilos parentais. Neyrand (2015) define a parentalidade como uma construção social e psíquica da relação entre pais e filhos, que tem como característica ser mutável. De acordo também com Zornig (2010) a relação afetiva entre pais-filhos é marcada notoriamente pela educação e formação. Assim, é possível entender a parentalidade como a relação afetiva e socioformativa entre o indivíduo e seus cuidadores.

Para Branden (2011), a função da parentalidade seria fornecer uma base segura e auxiliar a criança a se tornar independente e autônoma, enquanto ela passa pelo seu processo de individuação, para assim conseguir transpassar os desafios da vida adulta. Assim, para que a criança consiga se desenvolver e se tornar um adulto saudável, os pais/cuidadores primários teriam que fornecer então, estrutura, segurança, afeto, aceitação e respeito. Teriam também que auxiliá-la a entender as regras e os limites para suas ações, e lidar com os erros cometidos.

As práticas parentais podem ser definidas como um conjunto característico de comportamentos da mãe, pai ou cuidadores visando educar, cuidar e promover o desenvolvimento de seus filhos (Macarini *et al.*, 2010). Já os estilos parentais referem-se ao conjunto de práticas parentais que visam à disciplina, ao estabelecimento de limites e à regulação de comportamentos, combinando exigência e responsividade<sup>2</sup>. Cada estilo parental terá um impacto na maneira em que os filhos moldam suas habilidades sociais, comunicativas, e em suas ações (Folquitto *et al.*, 2023).

A forma que tem sido mais utilizada para a compreensão dos estilos parentais, refere-se ao modelo elaborado por Diana Baumrind (1971), que busca entender o modo de socialização das crianças; e incluem o estilo autoritário, autoritativo, indulgente ou permissivo, e posteriormente o negligente (Sá, 2017; Weber *et al.*, 2004).

De acordo com Baumrind (1971), o estilo autoritativo compreende pais que, ao mesmo tempo que demandam obediência de regras e exigências dos filhos, são

---

<sup>2</sup>Teixeira, Oliveira e Wottrich (2006) em seu estudo trazem a necessidade da ampliação do olhar dos estilos parentais para além de apenas responsividade e exigência, abarcando outras dimensões, como: incentivo à autonomia, apoio emocional, supervisão de comportamento, intrusividade, controle punitivo e cobrança de responsabilidade.

afetuosos e entendem as motivações, necessidades e opiniões da criança. São adeptos ao diálogo com os filhos, punem quando necessário e fornecem orientação e estimulam a autonomia deles na hora de conduzi-los.

O estilo autoritário baseia-se em pais que têm maiores demandas, exigências e maior necessidade de controle sobre a criança, para moldá-la e conduzi-la por meio de regras rígidas seguidas à risca e do uso de punição. São pouco afetivos, não adeptos ao diálogo, pois não há uma horizontalidade de respeito, e possuem menor demonstração de afetuosidade (Baumrind, 1971).

Já o estilo permissivo compreende pais que não conduzem os filhos, não estabelecem limites, e aceitam prontamente todos os seus desejos. Possuem alta afetividade, não usam da punição e têm pouco controle, demandas e exigências; o que faz com que a criança não se perceba como responsável pelos seus próprios atos e vida (Baumrind, 1971).

Posteriormente, Macboby e Martin (1983 *apud* Weber *et al.*, 2004) descreveram na literatura o estilo negligente, derivado do estilo parental permissivo de Baumrind (1971). Pais negligentes tendem a se esquivar das funções e incumbências da criação, como cuidado e responsabilidades emocionais, mantendo uma mínima ou nenhuma interação funcional com os filhos.

De acordo com Carroll (2022), há ainda um quinto estilo parental, baseado na educação respeitosa, que vem ganhando espaço nos últimos anos. A educação respeitosa, formulada por Jane Nelsen (2016), parte da premissa que se deve usar da gentileza e cooperatividade para auxiliar a criança a se desenvolver, com foco em aspectos como responsabilidade, autonomia e autocontrole emocional. O objetivo é o respeito mútuo, e a criança é incluída no processo de estabelecimento de regras, aprendendo a cooperar com sua família e sociedade. Sentindo-se, assim, pertencente ao meio. Tal estilo converge com o estilo autoritativo, no entanto, não faz uso de punição para educar.

Silva e Vieira (2018), discorrem sobre o modelo ecológico de determinantes de parentalidade de Belsky (1984), e como diversos fatores, tais quais personalidades, recursos psicológicos e contextos de vida, podem prejudicar ou auxiliar na forma como o indivíduo exerce sua parentalidade. Os autores afirmam que "Os aspectos emocionais que compõem a personalidade exercem influência nas práticas parentais, na maneira como os pais se relacionam com os filhos e no próprio comportamento destes" (p.373).

É possível pensar, a partir disso, que comportamentos específicos dos pais podem acabar afetando o indivíduo. Boas *et al.* (2010) trazem ainda em seu estudo a possibilidade da dificuldade da interdependência dos subsistemas familiares, ou seja, a dificuldade dos pais de separarem os conflitos conjugais de sua parentalidade, por conta de dificuldades emocionais próprias. Por exemplo, filhos de pais em constante conflito intenso, com agressões verbais ou violências físicas, podem desenvolver distúrbios no desenvolvimento emocional (Benetti, 2006). Tanto o ato de presenciar estes conflitos, quanto sofrer as consequências deles (como ser alvo da descarga das emoções negativas, como frustração e raiva, o chamado "*spillover*") pode impactar a estrutura emocional e psicológica do filho.

### **1.2.2. PARENTALIDADE E ADOLESCÊNCIA**

Muitas vezes o período da adolescência é marcado por conflitos com algumas figuras de autoridade, dentre elas os pais ou cuidadores primários. Para muitos adultos, é difícil compreender com paciência este período de mudanças que os adolescentes sofrem (Luckesi, 2023).

Santrock (2014) afirma que as relações entre os pais e adolescentes influenciam na ação dos hormônios no corpo de um indivíduo. Da mesma forma, como já apontado anteriormente, as muitas mudanças fisiológicas e psicológicas dos adolescentes impactam na forma de se relacionar com outras pessoas, incluindo seus pais. A comunicação entre adolescentes e seus pais ou cuidadores pode ser difícil, e essa falta de comunicação ou entendimento entre ambos pode prejudicar no desenvolvimento socioemocional dos indivíduos (Se; Strack; Ferreira, 2023).

Teixeira, Oliveira e Wottrich (2006) trazem estudos que relacionam o desenvolvimento psicológico de adolescentes (mais especificamente a autoestima e aprendizagem, e o desenvolvimento de transtornos como depressão e ansiedade) e a parentalidade. Como, por exemplo, o estudo de Reppoldi (2001); que demonstrava, entre outros resultados, que adolescentes que experienciam controle parental coercitivo tendem a ter maiores sentimentos de angústia e raiva, e aumento dos níveis de ansiedade; e o estudo de Meesters e Muris (2004), que indicava que

adolescentes que se sentiam rejeitados pelos pais tinham tendências a comportamentos deprimidos, a dificuldade de resolverem problemas e lidar com estresse, terem pensamentos positivos e a terem problemas de se conectarem afetivamente com outras pessoas.

Carrol (2022) aborda como diferentes tipos de parentalidade podem afetar o desenvolvimento e a saúde mental de um indivíduo. Filhos de pais mais autoritários e punitivos, que tem em seu método de criação o uso de insultos verbais e controle psicológico têm maior chance de desenvolver comportamentos de externalização, como comportamentos agressivos, e de internalização, como pensamentos ansiosos; já filhos de pais que impõem limites, mas fornecem afeto e uma base segura, tendem a ter melhor desempenho acadêmico, menos estresse e comportamentos de externalização.

Há ainda estudos que também apontam que filhos criados por pais autoritários, que utilizam de punição e violência acabam também tornando-se agressivos e com pouco controle de suas reações. Enquanto filhos de pais negligentes, que vivenciam o abandono afetivo-legal ou maus-tratos, acabam tornando-se frustrados em suas relações interpessoais, apresentam dificuldade na regulação de suas emoções, no comportamento em acontecimentos sociais, no desempenho escolar, e na adaptação às regras sociais. Estes dois estilos de parentalidade aparecem relacionados ainda à dificuldade em obter autonomia, autoconfiança, ao estabelecimento de traumas e ao posterior desenvolvimento de transtornos mentais, como ansiedade e depressão (Araújo; Mouchereck, 2022; Bolsoni-Silva; Marturano, 2002; Ferreira, 2019; Ribeiro; Ferraz, 2022).

### **1.2.3 A RELAÇÃO ENTRE AUTOESTIMA, PARENTALIDADE E ADOLESCÊNCIA**

As transformações vividas na adolescência afetam o modo como adolescentes interagem com as pessoas ao seu redor, na sua capacidade de lidar com situações sociais, na resolução de desafios e problemas, e por conseguinte impactando na imagem que os adolescentes têm de si e em seu autoconceito (Pereira *et al.*, 2011).

Schultheisz e Aprile (2013) trazem como a relação familiar também impacta na visão que o indivíduo tem de si mesmo, mostrando assim a importância desta variável para a autoestima do adolescente. As autoras ainda trazem sobre a questão da superproteção e da crítica como atitudes familiares que impactam nos sentimentos de segurança, confiança e de identidade de uma pessoa, podendo levar à baixa autoestima. Rappoldi (2001) também entra em concordância com esse pensamento, quando traz em seu estudo como a disponibilidade dos pais (seu apoio, afetividade, comunicação) afetam o modo como os adolescentes se veem, a forma como resolvem problemas e lidam com o estresse, afetando assim seu bem estar mental e desenvolvimento psicológico.

Davenport *et al.* (2011), afirma que estilos de comportamento parental agressivo, tal qual o estilo autoritário de Baumrind (1971), são prejudiciais para o desenvolvimento emocional de adolescentes e, conseqüentemente, sua autoestima.

Rossi *et al.* (2019) realizaram um estudo com adolescentes brasileiros, no qual uma das variáveis encontradas como causa para o sofrimento psíquico destes foi o relacionamento disfuncional com pais ou cuidadores próximos, com ênfase para os sentimentos de abandono e desvalor, importantes na composição da autoestima de um indivíduo. Ao mesmo tempo, aqueles adolescentes que tinham um bom relacionamento com seus pais ou cuidadores, encontravam neles um suporte para enfrentar o sofrimento psíquico.

A partir dos apontamentos anteriores, é possível perceber a relação importante entre as variáveis parentalidade, autoestima e adolescência. Por meio de uma pesquisa bibliográfica (realizada entre o período de junho até outubro de 2023) em bases como *Google Acadêmico*, *SciELO*, *Lilacs*, *Bvs-psicologia* e *Pepsic* foram encontrados apenas 13 artigos em português que relacionassem parentalidade à autoestima. Dentre esses artigos, apenas seis pesquisaram o fenômeno em adolescentes.

No entanto, o primeiro, de Teixeira, Oliveira e Worttrich (2006), buscava criar um instrumento quantitativo mais amplo de avaliação dos impactos das práticas parentais. Os dois seguintes, de Duarte (2009) e de Lila (2009) investigavam a parentalidade e autoestima, mas em relação a adolescentes portugueses.

O quarto estudo identificado, realizado por Brandenburg, Stasiak e Weber (2003), avaliou o tema com adolescentes de Santa Catarina, a partir de escalas quantitativas. E os últimos, de Paixão, Patias e Dell'aglio (2018) e Wendt e Silva

(2020), investigavam o fenômeno em adolescentes porto-alegrenses, também a partir de escalas quantitativas.

Em sua pesquisa a fim de criar um instrumento que pudesse avaliar o impacto das práticas parentais em diversas dimensões do desenvolvimento adolescente, Teixeira, Oliveira e Wottrich (2006) sustentam a hipótese de que há relação entre as práticas parentais e o desenvolvimento psicossocial de adolescentes. Duarte (2009) procurou investigar como os adolescentes portugueses percebiam sua relação com seus pais e com sua autoestima. A pesquisa, de caráter quantitativo, teve como instrumento as escalas: *Escala de Autoconceito e autoestima* de Peixoto e Almeida (1999); e a *Escala de Relação com a Família* (Peixoto, 1999), aplicadas em adolescentes portugueses entre 14 e 18 anos.

Já Lila (2009), buscou investigar a relação entre a autoestima de adolescentes na fase final da adolescência, dos 17 aos 21 anos, e as práticas parentais de seus pais, a partir da aplicação do questionário *EMBU-A* de Lacerda (2005). Weber *et al.* (2003) visaram investigar a relação entre a interação familiar e a autoestima de adolescentes, de 13 e 14 anos, de Santa Catarina, utilizando como instrumento as *Escala de Autoestima de Rosenberg*, e as *Escalas de Qualidade de Interação Familiar*.

Por fim, Paixão, Patias e Dell'aglio (2018) em sua pesquisa com adolescentes portalegrenses também discorrem sobre a importância dos vínculos e relações familiares para a construção da autoestima, a partir da *Escala de Autoestima de Rosenberg*. As pesquisadoras, assim como Mruck (2006), apontam a possibilidade da relação entre uma baixa autoestima e surgimento de transtornos mentais. O mesmo foi apontado por Wendt e Silva (2020), que também utilizaram a *Escala de Autoestima de Rosenberg* em adolescentes porto-alegrenses, com o adicional do uso da *Escala de Práticas Parentais* (EPP).

Observa-se que todos os estudos citados são de caráter quantitativo e utilizam de escalas e questionários para investigação. Segundo Polit *et al.* (2004 *apud* Engel; Silveira, 2009, p. 34) as pesquisas de caráter quantitativo têm como característica a utilização de procedimentos estruturados e instrumentos formais para coletar dados, mas tem o foco na objetividade dos dados brutos. Já as pesquisas de caráter qualitativo têm como foco o subjetivo, a experiência, e assim podem ter um maior aprofundamento da questão a ser investigada e do que há por trás dela (Engel; Silveira; 2009).

Entende-se a partir da bibliografia consultada, que na adolescência a autoestima, parte importante da constituição da saúde mental, está relacionada com a relação com seus pais/cuidadores primários. Assim, legitima-se a presente pesquisa com abordagem metodológica qualitativa, que se propõe a ouvir relatos de adolescentes sobre os impactos da parentalidade em suas vidas, através da realização de grupos focais, buscando a partir do relato destes sua visão e compreensão sobre o tema.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVOS GERAIS**

O objetivo desta pesquisa foi investigar a percepção de adolescentes sobre a parentalidade exercida por seus pais/cuidadores primários, assim como a relação entre esta parentalidade e sua autoestima.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

1. Compreender a visão que os adolescentes têm da parentalidade exercida por seus pais;
2. Compreender a partir dos relatos dos adolescentes quais são as bases que fundamentam a autoestima destes adolescentes na percepção dos mesmos;
3. Investigar como os adolescentes compreendem a relação entre a parentalidade exercida por seus pais e sua autoestima;
4. Compreender como diferentes culturas influenciam a parentalidade.

### **3. MÉTODO**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, transversal, que foi realizada através de grupos focais com adolescentes.

#### **3.1 PARTICIPANTES**

Os participantes foram adolescentes de 13 a 15 anos, estudantes do 9º ano de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, EMEF, localizada na Zona Norte de São Paulo. Tal EMEF conta com a presença de imigrantes de diversos locais da América Latina e de outras regiões do mundo, e foi escolhida por critério de conveniência, por contato prévio da aluna pesquisadora com a instituição.

Em função dessa característica específica da escola, foram idealizados inicialmente dois grupos: um com estudantes nascidos no Brasil, e outro com estudantes imigrantes que falassem português, permitindo uma possível análise entre as diferentes culturas através dos relatos. Seriam convidados 8 participantes para cada grupo, para que ao menos 6 comparecessem com base nas recomendações de Souza (2020).

Todos os alunos do 9º ano da escola foram convidados a participar, e participaram aqueles que aceitaram o convite de forma voluntária e trouxeram o Termo de Aceite (TALE) assinado (APÊNDICE A), assim como o Termo de Consentimento (TCLE), assinado por seus pais/responsáveis (APÊNDICE B).

Não foi possível realizar os dois grupos previstos inicialmente, visto que nem todos os adolescentes que a princípio demonstraram interesse em participar da pesquisa quando esta foi apresentada, quiseram efetivamente participar no dia, trazendo os termos. Assim, foi realizado um grupo, com um total de 9 participantes, no qual havia tanto estudantes brasileiros ( $n = 7$ ) quanto imigrantes ( $n = 2$ ).

### 3.2 INSTRUMENTO

A pesquisa foi realizada através de um grupo focal. Os grupos focais são grupos com indivíduos previamente selecionados, no qual as discussões e interações são mediadas por um pesquisador, que realiza uma discussão com o grupo sobre um tema que é comum aos integrantes. Diferenciam-se mais precisamente das entrevistas justamente por essa interação entre os participantes do grupo, que geram opiniões diferentes a partir das experiências compartilhadas; e também por conta da presença de um moderador que facilite e oriente a discussão para o tema da pesquisa. O grupo pode parecer ser também menos hostil para se tratar de tópicos difíceis, distanciando-se da aparência de um interrogatório quando comparado a uma entrevista (Souza, 2020).

Eles proporcionam dados qualitativos aprofundados e específicos, baseados na experiência e relatos dos participantes, além do compartilhamento de diferentes ideias e questões que vão surgindo à medida do que for sendo discutido no grupo, e que não seriam obtidas sem a interação entre o pesquisador e os participantes. Os grupos focais, portanto, diferenciam-se de outros métodos como entrevistas, destacando-se por sua complexidade de respostas, experiências e percepções (Gomes; Teles; Roballo, 2009; Silva; Schwertner; Zanelatto, 2019; Souza, 2020).

Especificamente sobre o uso de grupos focais nas pesquisas com adolescentes, Gomes, Teles e Roballo (2009) apontam para sua importância, afirmando que, por estarem entre pares, há uma maior chance de interação, verbalização, compartilhamento de opiniões e diálogo do que se os adolescentes não estivessem no grupo. Enfatizam também que o grupo focal com adolescentes poderia promover até mesmo ações promotoras de saúde.

Dessa forma, na presente pesquisa, foi realizado um grupo focal, com adolescentes nascidos no Brasil e com adolescentes imigrantes. O grupo teve duração aproximada de 1 hora, seguindo um roteiro semiestruturado elaborado especificamente para essa pesquisa (APÊNDICE D). As perguntas dirigidas ao grupo exploraram o tema da relação entre os adolescentes e seu país, sua visão sobre esta relação e sua própria autoestima.

### 3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O convite para a pesquisa foi feito inicialmente para a escola em dezembro de 2023, através de sua direção, para a qual foi enviado um termo de consentimento institucional (APÊNDICE C). Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da PUC-SP, no mês de fevereiro de 2024, foi acordado com a escola um cronograma com a melhor data para que fossem realizados os convites aos adolescentes, bem como feito uma apresentação da pesquisa aos adolescentes, e enviado o TCLE, assim como o TALE.

No entanto, a data previamente acordada teve que ser mudada algumas vezes, pois a escola, assim como as demais escolas da rede municipal de São Paulo, entrou em greve, e assim permaneceu durante o período de um mês. O grupo foi, portanto, adiado e realizado no mês de abril de 2024.

Após a entrega dos termos de consentimento, os voluntários que aceitaram participar foram reunidos em um grupo, durante o horário letivo, acordado previamente com a coordenação da instituição, em uma sala também designada pela coordenação. O encontro foi gravado por meio de um aplicativo gravador de voz, para posterior transcrição e análise dos dados.

O grupo contou com a presença de oito alunos, dos quais três eram meninos e cinco meninas; a pesquisadora (aluna autora do trabalho) que conduziu o grupo, e uma auxiliar de pesquisa (aluna de psicologia, convidada para fazer observação, anotações, e suporte caso fosse necessário). Duas das alunas participantes eram imigrantes angolanas. O encontro teve duração de aproximadamente uma hora.

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISES

Os dados obtidos através da gravação foram transcritos e posteriormente analisados, a partir da análise de conteúdo (Bardin, 2015). Buscou-se categorias explicativas *a posteriori* para os temas alvo da pesquisa, a partir do aporte teórico apresentado previamente.

Como corpo de análise foram consideradas as transcrições das falas conjuntas dos adolescentes, considerando tanto frases quanto conjuntos de frases, que permitiram melhor a compreensão do contexto das falas. As categorias foram

propostas pela aluna pesquisadora, e revisadas pela professora orientadora. A partir das orientações para os passos da análise de Bardin (2015), foi possível organizar os conteúdos obtidos por meio de três partes:

**1. Primeira Parte: a pré-análise:** Conforme previamente estabelecido, o áudio do grupo focal foi gravado e posteriormente transcrito. Esta fase, portanto, consistiu na leitura da transcrição da gravação, e na separação do material baseado nos objetivos da pesquisa.

**2. Segunda Parte: exploração do material: A transcrição foi lida, e as** respostas dos participantes foram organizadas em palavras-chaves, que pudessem descrever suas falas de forma categórica, transformando-as em temas a serem discutidos por meio da literatura pesquisada.

**3. Terceira Parte: o tratamento, inferência e interpretação dos resultados:** Nesta fase, foi realizada uma busca de padrões nas respostas, conforme os códigos colocados na etapa anterior, de forma a relacioná-los entre si e à literatura pesquisada previamente. Para a formação das categorias optou-se pela análise das falas dos adolescentes relativas às principais perguntas separadamente, de forma a contemplar claramente cada um dos tópicos investigados.

### 3.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A presente pesquisa seguiu todos os procedimentos de acordo com os critérios de ética na pesquisa com seres humanos no Brasil, conforme Resolução nº 466/2012 e a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os passos da pesquisa estiveram e estão comprometidos com o sigilo e anonimato de todas as informações coletadas. O projeto foi submetido e aprovado pelo comitê de ética da PUC-SP (Nº do Processo: 76668023.9.0000.5482).

Um termo de consentimento livre e esclarecido foi apresentado aos pais, bem como um termo de assentimento apresentado aos adolescentes. Tanto os pais quanto os adolescentes puderam decidir sobre sua participação nos grupos ou não, assim como sobre o compartilhamento dos relatos.

Compreendeu-se que o encontro talvez trouxesse alguns riscos como o cansaço. Mas, também seria benéfico aos estudantes, pois, como afirma Souza

(2020), permitiria um local de fala e a oportunidade de se expressarem com pares, em um espaço mediado, seguro e de acolhimento.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL: PERCEPÇÕES

Dentre os oito participantes, seis alunos falaram mais ativamente, os outros dois optaram por escutar os colegas e responder apenas as perguntas mais gerais, que eram passíveis de serem respondidas com "*sim*" ou "*não*". Uma das hipóteses para o ocorrido foi a timidez. No entanto, todos os participantes estavam concentrados no grupo, auxiliando a formar o círculo de cadeiras utilizados para o encontro, e deixando de lado celulares e outros objetos que estavam carregando ao entrarem na sala, como utensílios de maquiagem e alimentos. Todos demonstraram interesse e atenção ao que estava sendo dito.

Como quebra gelo, foi sugerido aos participantes que escolhessem o nome que gostariam que aparecesse na pesquisa, como forma também de assegurar mais efetivamente o caráter anônimo da pesquisa, visto que no começo do encontro eles demonstraram certa preocupação com a possibilidade da gravação do áudio. Os nomes escolhidos por eles foram: Hyunjin, Harry, Bruno, Mia, Amber, Grace, Moana e Tiana.

Foi interessante notar que, apesar de serem da mesma turma, grande parte dos integrantes não era muito próxima. Apesar disso, no decorrer do grupo, foi possível ver o estreitamento dos laços dos participantes, por meio de ações como: apoio a falas de colegas, solidariedade com acontecimentos relatados e empatia uns com os outros.

## 4.2 RESULTADOS E ANÁLISE DAS RESPOSTAS

Para a apresentação das categorias levantadas, os resultados serão apresentados e discutidos a seguir a partir das principais perguntas feitas no grupo. Optou-se por essa forma de apresentação para que os dados possam ser contemplados de forma clara, dentro de cada tópico definido nos objetivos específicos.

### PERGUNTA Nº1: "O QUE É AUTOESTIMA PARA VOCÊS?"

A pergunta que buscava identificar o que os participantes entendem por autoestima, gerou quatro respostas, que foram categorizadas em: Autoaceitação (Moana, Hyunjin e Mia) e Autorrespeito (Grace).

#### a. AUTOACEITAÇÃO

A autoaceitação trazida por Moana relaciona-se muito com aceitar a própria aparência física, além de, em suas palavras, *"não precisar da opinião dos outros para sentir-se bem"* consigo mesma. Hyunjin também se referiu à valorização da própria opinião em detrimento da opinião dos outros: *"Autoestima é o que você acha de você mesmo, e não como os outros te veem"*.

Percebe-se um destaque na fala dos adolescentes para uma relação direta deles com si próprios. Fato destacado na literatura como uma característica importante que define a autoestima (Assis, Avancini, 2004). Além disso, as duas falas demonstram uma relação percebida entre essa autoaceitação e a relação que se estabelece com as outras pessoas, em concordância com o que trazem Assis e Avancini (2004) e Rodrigues e Alves (2010).

Destaca-se ainda que uma pessoa com uma autoestima positiva seria aquela que se aceita apesar de um olhar negativo do outro, reconhecendo, aceitando e valorizando suas características, como trazido por Siqueira e Padovam (2008). Esta questão da aceitação também aparece na fala de Mia, quando ela traz que autoestima é *"Se amar apesar dos seus defeitos"*, reconhecendo a autoestima como uma habilidade de aceitação das características, sejam elas boas ou ruins

## **b. AUTORRESPEITO**

Em sua resposta, Grace relaciona autoestima com respeitar a si mesmo: *"Autoestima pra mim é se respeitar e respeitar também aos outros."*

A fala da adolescente corrobora com o conceito defendido por Branden (2011), de que o autorrespeito seria o valor que o indivíduo atribui a si mesmo. Quando isso ocorre, a pessoa passa a respeitar os outros ao seu redor também, em concordância com os conceitos de Assis e Avancini (2004), que trazem como a relação do indivíduo com si mesmo impacta também na sua relação com os outros.

### **PERGUNTA Nº2: "O QUE VOCÊS ACHAM QUE INTERFERE NA AUTOESTIMA DE UMA PESSOA?"**

A pergunta, cujo objetivo era procurar entender que aspectos os participantes acham que interfere na autoestima de uma pessoa, gerou três respostas, categorizadas posteriormente como: Bullying (Moana e Hyunjin), Comentários Alheios (Hyunjin, Moana e Mia) e Auto Comparação (Mia).

#### **a. BULLYING**

A questão do Bullying apareceu nas falas de Mia e Hyunjin como um fator gerado pela convivência com outros alunos na escola. De acordo com os participantes, o Bullying faria com que a pessoa não gostasse do próprio corpo e tivesse uma visão negativa em relação a si mesma. O que entra de acordo diretamente com a pesquisa de Fragelli e Albuquerque (2022), que apontam como o Bullying impacta de maneira negativa na autoestima de um indivíduo, afetando sua relação consigo mesmo e também suas relações interpessoais.

Ressalta-se que o bullying tem sido apontado como um problema global de saúde pública que envolve pessoas de todas as idades, e traz impactos nos âmbitos físico, mental e social tanto das vítimas, quanto agressores. Especialmente as crianças e adolescentes identificados como "diferentes" por alguma característica específica, acabam tendo maior risco de serem vítimas (Armitage, 2021).

Pesquisas que investigam a prevalência do bullying têm indicado alta frequência de ocorrência, embora com variações importantes nos resultados. A

Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) apontou prevalência de 5,4% entre estudantes do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas, incluindo alunos das 26 capitais brasileiras e do Distrito Federal em sua primeira edição (2009). Outra edição da mesma pesquisa realizada em 2015 chegou a um índice mais elevado, com 30,7% de prevalência de *bullying* (Mello *et al.*, 2018). E na edição de 2019, a pesquisa apontou que 12% dos adolescentes relataram ter sofrido *bullying* (Malta *et al.* 2022). Dados internacionais têm indicado que a prevalência chega a índices de uma em cada três crianças e adolescentes que afirmam terem sido vítimas no último mês (Armitage, 2021). Esse é um ponto importante especialmente na adolescência, em que há uma maior preocupação com a aparência e se sentir aceito pelos pares. De forma que sofrer bullying impacta diretamente na autoestima (Bandeira, Hutz, 2010; Fragelli, Albuquerque, 2022).

## **b. COMENTÁRIOS ALHEIOS**

Destacam-se nessa categoria as seguintes falas: De Hyunjin: *"Eu acho que o que interfere é a atitude das pessoas, é tipo, nos comentários aqui, ali, e a convivência com as pessoas. O que você comenta da pessoa, se ela é bonita ou algo assim"*. E também a fala de Mia: *"Eu, Mia, acho que o que interfere na autoestima é também os comentários, os comentários negativos assim."* e Moana: *"Eu acho que é o comentário dos outros."*

Assim, identifica-se que os adolescentes trouxeram o reconhecimento de que tanto comentários negativos, como apontados por Mia e Moana, quanto positivos, como apontado por Hyunjin, podem afetar a autoestima de uma pessoa, em concordância novamente com o que é apontado por Assis e Avancini (2004). É importante ressaltar também que, de acordo com Mills e Anandakumar (2023), os adolescentes têm maior propensão a ser mais sensíveis à opinião alheia sobre suas características, principalmente quando a opinião vem de seus pares. A adolescência é justamente a fase do desenvolvimento em que há um peso maior para a formação da própria identidade, na qual a aproximação com pares e a identificação com opiniões específicas têm um maior valor (Folquitto *et al.*, 2023)

Isso fica claro no seguinte diálogo no grupo, em que os participantes também afirmam que alguns adolescentes são mais suscetíveis às opiniões dos colegas, do que outros:

Moana: *"Eu acho que é o comentário dos outros. Tipo, sempre quando uma pessoa é, assim, é muito afetiva...não, não é isso...é...."*

Hyunjin: *"Mais sensível."*

Moana: *"Isso! Mais sensível assim, ela vai indo mais pela opinião dos outros, afeta mais ela."*

### **c. AUTOCOMPARAÇÃO**

"Eu, Mia, acho que o que interfere na autoestima são os comentários negativos dos outros, mas também a comparação. Por exemplo, você entra na internet e você sempre vê mulheres com corpo perfeito, E você fica se comparando com elas. Então eu acho que afeta o que afeta também é isso, você ver pessoas totalmente fora da sua realidade." (Mia)

A seguinte fala de Mia traz o tema da autocomparação, principalmente com celebridades e *influencers* das redes sociais, que vivem vidas que não condizem com a realidade parecida com a dela. Santos e Rodrigues (2023) ressaltam o grande impacto que as redes sociais têm na autoestima de um indivíduo durante a adolescência, especialmente por ser a fase na qual ele começa a questionar sua própria imagem corporal. Isso torna-se ainda mais exacerbado ao se deparar com os corpos que são apreciados nas redes, que muitas vezes seguem padrões inalcançáveis de beleza, podendo até ser irreais.

Novamente aqui é importante lembrar de que todas essas questões também impactam o adolescente, em função do processo de fortalecimento que se está vivenciando em relação à própria identidade. Nesse processo tornam-se muito importantes as comparações com os pares, bem como aquelas figuras que são tidas como exemplos ou modelos (Folquitto *et al.* 2023).

### **PERGUNTA Nº3: "COMO ERA O RELACIONAMENTO COM SEUS PAIS/CUIDADORES NA INFÂNCIA?":**

A pergunta gerou cinco relatos, dados por Harry, Mia, Moana, Grace e Megan. Os relatos tiveram alguns temas centrais que foram categorizados como:

Relação Familiar Afetuosa, Conflitos Conjugais, Superproteção, Rejeição Paterna e Afastamento Materno.

### **a. RELAÇÃO FAMILIAR AFETUOSA**

O tema apareceu nos relatos de quatro participantes: Harry, Moana, Mia e Grace, mostrando que as participantes tinham uma relação afetuosa com seus pais nesta fase da vida.

Harry afirmou ter na infância uma relação familiar muito boa com seus pais e irmãos, e seus pais também tinham uma boa relação entre si. Uma família que vive em harmonia e possui uma relação boa entre os membros, de acordo com Diogo (2009) e Branden (2011), pode fornecer para a criança uma base segura para que ela construa seu desenvolvimento socioemocional, ou seja, para que ela se torne autoconfiante, e consiga se relacionar de forma saudável com as pessoas ao seu redor, como por exemplo na escola.

Moana, Mia e Grace não mencionaram a relação dos seus pais entre si nesta fase da vida, mas afirmaram também ter uma relação afetuosa com a sua família. Colocando também a relação com outros familiares, a chamada família extensa, para além da mãe/pai, em destaque. Como no caso de Moana, a avó e o tio.

"Antes eu morava com a minha mãe e com a minha vó. Eu era muito ligada na minha mãe, muito mesmo. E minha vó também cuidava muito de mim (...) E quando eu era pequena, até hoje, meu tio ia me acolhendo muito, sabe? Ele era literalmente um paizão pra mim. É até hoje. Aí, é muito boa a minha relação com a minha família, graças a Deus." (Moana)

A partir da fala de Moana, podemos ver o que diz Bolze e Silva (2016), para a importância da classificação de configurações familiares para além da família nuclear padrão, pois outras pessoas também podem exercer importante função na criação, como por exemplo a família extensa de Moana, que proporciona à ela cuidado, apoio e afeto.

### **b. CONFLITOS CONJUGAIS**

O tema surgiu nas falas de Mia e Megan, que relataram lembrar de muitas brigas entre os pais que afetaram a relação e estrutura familiar, deixando-as instáveis.

De acordo com Mia:

"Quando eu era pequena, o meu relacionamento com meus pais era muito bom.

Meus pais brigavam demais, mas eles sempre tentaram me excluir desse mundo de brigas que eles tinham, meu pai me acolhia muito, mas depois essas brigas afetaram muito a relação toda" (Mia)

A fala de Mia traz como os conflitos conjugais podem afetar o bem-estar dos filhos, tal qual proposto por Benetti (2006) e Boas *et al.* (2010), muito a partir do teor destes conflitos, o grau de envolvimento da criança e como são resolvidos. No caso de Mia, em que relata os conflitos que ela presenciava, observa-se que mesmo com os pais tentando afastá-la, houve vivências que tinham um teor violento.

Ressalta-se aqui a interdependência dos subsistemas familiares. As relações estabelecidas entre o casal, impactam nas outras relações do sistema familiar, como do pai com o filho, mãe com o filho. Por isso, conflitos conjugais acabam impactando na parentalidade (Boas *et al.*, 2010).

#### **d. SUPERPROTEÇÃO**

Grace, uma imigrante de Angola, afirma que, quando era pequena e vivia em seu país de origem, sua mãe era muito protetora com ela. Não a deixava ficar com os amigos e pouco saía de casa. Por conta disso ela ficava em casa vendo TV enquanto seus amigos saíam para brincar na rua.

Grace deixou claro que percebe esse comportamento da mãe, como proteção. Por mais que essa proteção demonstre preocupação e cuidado com os filhos, a superproteção pode ser prejudicial em alguns aspectos, pois priva a criança de estar em situações que promovam sua autonomia e desenvolva seu sentimento de segurança (Schultheisz, Aprile, 2013).

Ao pensar no impacto da superproteção parental na autoestima dos adolescentes, é importante lembrar do componente da autoeficácia, que está relacionada à confiança nos próprios pensamentos, ações e tomadas de decisões

(Branden, 2011). O adolescente fortalece a sua autoeficácia à medida que consegue explorar novas alternativas, novas situações e perceber-se como alguém capaz. Ao ser privado dessas novas experiências e desafios, há menos oportunidades para o desenvolvimento desse senso de autoeficácia.

#### **e. REJEIÇÃO PATERNA E AFASTAMENTO MATERNO**

A rejeição paterna apareceu no discurso de Megan a partir de uma fala, no qual ela aponta que seu pai queria que ela tivesse nascido um menino e a tratava diferente, mostrando que ele rejeitava sua identidade.

"Ele queria tanto um menino, que me fazia cortar o cabelo. Tentou até mudar meu nome. [...] Aí ele se apaixonou por outra pessoa, e teve um filho. Aí ele parou de ver a gente [Megan e as irmãs]. Aquele menino, ele era parecido comigo. Mesma cara, mas a diferença de uma menina e um menino.. Ele não queria mais ficar com nós. "  
(Megan)

Entende-se que essa rejeição pode prejudicar sua saúde mental, o seu jeito de ver a si mesma e sua própria auto aceitação. É a partir também da relação familiar que o adolescente constituirá sua personalidade e outros aspectos do seu desenvolvimento socioemocional (Diogo, 2009; Schultheisz; Aprile, 2013).

Já o afastamento materno durante a infância apareceu quando Megan relatou que a mãe dava mais carinho à irmã mais nova do que a ela, o que também pode alimentar seus sentimentos de inferioridade e desvalor. *"Ela me dava assim, mimo [carinho], mas não era igual a minha irmã, e a gente só tem diferença de um ano de idade"* (Megan).

A literatura aponta como uma das causas para o sofrimento psíquico justamente o relacionamento disfuncional com pais ou cuidadores próximos, com ênfase para os sentimentos de abandono e desvalor (Rossi *et al.*, 2019).

**PERGUNTA Nº4: COMO É O RELACIONAMENTO COM SEUS PAIS/CUIDADORES AGORA NA ADOLESCÊNCIA?:**

A pergunta gerou cinco relatos, dados também por Mia, Moana, Grace, Megan e Harry. Os relatos tiveram alguns temas principais, que foram categorizados da seguinte forma: Divórcio; Afastamento Materno/Paterno; Abandono Materno; Superproteção.

#### **a. DIVÓRCIO**

O tema do divórcio apareceu de forma diferente nos relatos dos participantes. Para Harry, o divórcio dos pais não afetou sua relação familiar. Os pais, apesar de não estarem mais juntos, convivem bem, e ele continua tendo uma boa relação tanto com a mãe quanto com o pai. Já para Mia e Megan, o divórcio afetou a relação que tem com seus pais atualmente. As duas relatam que a relação com ambos ficou mais conturbada, com brigas e conflitos após o divórcio, conforme apontado por Mia:

"Depois que os meus pais se separaram, eu me revoltei muito. Não porque eles se separaram. Se brigam tanto, é melhor separar, não é? Mas eu me revoltei porque eles começaram a jogar a culpa da separação em mim, falavam um do outro (...) Minha mãe é explosiva e antes explodia com meu pai, aí depois [da separação] começou a explodir com a gente [Mia e as irmãs]" (Mia)

E Megan:

"Ela [a mãe] tá sempre culpando meu pai. Diz que 'ah, não é um bom pai, não se preocupa com sua família' mas meu pai dá o melhor. " (Megan)

O caso de Harry, a fala de Mia e de Megan corrobora com o que é apontado no estudo de Mota e Matos (2009), de que o que afeta a saúde mental e o bem estar dos adolescentes não é o divórcio em si, mas a questão dos conflitos.

Para Harry, a questão do divórcio não foi um fator determinante na relação com os pais e no seu bem estar, pois eles continuaram tendo uma relação harmoniosa e conseguiram se reestruturar na nova condição. Já para Mia e Megan, as famílias mesmo divorciadas não conseguiram se restabelecer de forma harmônica, pois os conflitos conjugais ainda são muito presentes e conduzidas de forma não saudável, pois envolvem também o filho nestes conflitos.

A partir do relato de Mia, é possível perceber que seus pais descarregam

nela as frustrações e sentimentos da relação, mesmo após o divórcio. Este tipo de situação pode afetar o bem estar mental de Mia, como mostrado por Benetti (2006) e Boas *et al.* (2010), tanto pela intensificação da vivência das emoções nesta fase da vida e pela dificuldade de gerenciamento destas (Mills; Anandakumar, 2023), quanto pela forma como ela está envolvida nestes conflitos conjugais que apresentam agressões verbais.

#### **b. AFASTAMENTO MATERNO/PATERNAL**

Mia relatou que se afastou dos seus pais agora na adolescência. Após o divórcio, começaram a aparecer conflitos entre ela e seus pais. Tais conflitos a fizeram se afastar deles, a fazendo até mesmo mudar entre as residências de seus genitores algumas vezes. Este afastamento, principalmente do pai, com o qual ela não quer mais contato por conta de atitudes agressivas deste, e as brigas constantes com a mãe, somaram-se também ao surgimento de comportamentos de risco. Mia diz que:

"Eu não queria voltar pra minha casa de jeito nenhum. Porque se eu voltasse pra minha casa, ia ter muita briga. Sabe? Aí eu preferia ficar na rua. Só que nesse de ficar na rua, você começa a se envolver com coisas ruins, sabe?." (Mia)

Seu relato relaciona-se muito ao que afirma Carrol (2022), sobre o surgimento de comportamentos de risco em adolescentes (como uso de drogas, álcool, e envolvimento com outras situações que possam por em perigo a vida do adolescente), dentre aqueles que possuem pais que utilizam de insultos e agressões na sua parentalidade.

Os comportamentos de risco também têm uma propensão a serem mais intensificados nesta fase da vida, e podem piorar a depender do contexto familiar e social, como visto no caso de Mia (Andrade *et al.*, 2018; Teixeira; Marques; Barros, 2022).

Observa-se no caso da participante também, a questão do aparecimento de conflitos com figuras de autoridades nesta fase da vida, e na dificuldade de comunicação com seus pais, o que pode afetar o desenvolvimento e a saúde

emocional do adolescente (Se; Strack; Ferreira, 2023).

### **c. ABANDONO PATERNO/MATERNO**

O abandono paterno apareceu no discurso de Megan. Após o divórcio, a mãe de Megan mudou-se de Angola para o Brasil com as filhas, e o pai de Megan constituiu outra família em seu país de origem, mantendo pouco contato com ela e as irmãs, o que a magoa profundamente.

É possível hipotetizar aqui um início de um abandono afetivo e legal trazido por Araújo e Moucherek (2022), no qual inicialmente o pai de Megan a rejeitou na infância, e posteriormente se afastou do envolvimento com a filha, não tendo mais contato com ela: *"Já faz um tempo que ele não nos manda mais mensagem nem fala por vídeo"*. De acordo com as autoras, isso pode causar sentimentos de rejeição, desprezo e sofrimento emocional.

O abandono materno veio no início da adolescência de Moana, o que a impactou muito psicologicamente, como mostrado por sua fala:

"Eu amava ter esse lado materno. Ela deixou a gente, e a gente nunca mais viu ela. A gente via, mas tipo assim, não era tanto, sabe? Era uma hora e a gente ia embora. E ela ia embora. Aí, tipo assim, isso me afetou muito, durante anos. Tanto aqui na escola, quanto em outros lugares. Tipo, eu fiquei muito agressiva por causa disso. Eu fiquei louca por causa disso, sabe? Tanto é que a escola já falou pra minha avó pra eu fazer terapia e tal. "

(Moana)

A fala de Moana corrobora os estudos de Ferreira (2019) e Ribeiro e Ferraz (2022), no que diz respeito às atitudes de pais negligentes e as consequências no comportamento dos filhos. Ao ser abandonada pela mãe, e consequentemente negligenciada, Moana entra em grande sofrimento emocional, e passa a ter dificuldades na regulação emocional, ter comportamentos agressivos, e ter seu desempenho acadêmico-social na escola prejudicado, em concordância também com o que apontam Calaça e Costa (2017) e Araújo e Moucherek (2022), que trazem os prejuízos da negligência no desenvolvimento socioafetivo e no rendimento escolar do indivíduo.

Muitas vezes o abandono materno pode ser multifatorial, ou seja, não só por

questões econômicas, mas sim por dificuldades emocionais e psicológicas do cuidador em atender as necessidades de cuidado, afetividade e proteção do filho (Calaça; Costa, 2017)

#### **d. SUPERPROTEÇÃO**

Após se mudar para o Brasil, a mãe de Grace voltou a ser mais protetora, temendo pela vida da filha no novo país, que considera violento quando comparado ao seu país natal. Agora adolescente, Grace tenta argumentar com a mãe, pois sente vontade de sair com as amigas, mas diz que a mãe se mostra muitas vezes irredutível, pois ela ainda estranha o jeito dos brasileiros e está no processo de se acostumar com a nova cultura local.

Podemos ver aqui como o contexto de diferenças culturais podem impactar na parentalidade (Tudge; Freitas, 2012), e também, pela atitude de Grace ao contestar sua mãe, podemos observar o processo de individualização do adolescente, em desenvolver também suas opiniões e crenças. É possível ver que Grace também confia nas próprias ideias e pensamentos ao persistir por sua vontade de sair, mostrando muito positivamente o componente da autoeficácia da autoestima trazidos por Branden (2011).

### **PERGUNTA Nº5: VOCÊS ACHAM QUE A RELAÇÃO COM SEUS PAIS/CUIDADORES AFETA A AUTOESTIMA DE VOCÊS?**

Esta pergunta levou a oito respostas e cinco relatos mais extensos. Todos responderam que sim, e indicaram que essa influência ocorre tanto de forma positiva quanto negativa. Alguns temas centrais surgiram a partir dos relatos e foram categorizados como Críticas à Aparência, Apoio Familiar, e Diferenças Culturais.

#### **a. CRÍTICAS À APARÊNCIA**

O tema de críticas à aparência surgiu em diversos relatos dos participantes. Moana disse que sua avó muitas vezes fala de sua aparência. Grace também recebe críticas das pessoas que compartilham do mesmo local onde mora.

Megan disse que sua mãe não apoia seu estilo de se vestir e manter a

aparência. Quando cortou o cabelo, por exemplo, sua mãe ficou chateada. *"Eu cortei o cabelo curto, e ela disse que não me reconhecia mais. 'Onde está minha filha?' Ela dizia".*

A fala de Megan mostra como a atitude negativa da sua mãe pode impactar na sua percepção de identidade e na visão de si mesma, como demonstrado por Schultheisz e Aprile (2013), uma situação que também já apareceu quando falava de sua percepção sobre o pai.

Mia também apontou que recebe críticas de sua mãe, principalmente sobre seu cabelo cacheado, no qual sua mãe sempre quer que ela o alise. A adolescente recebe comentários negativos também sobre suas roupas, que não são consideradas pela mãe como muito femininas. A mãe também sempre enfatiza a necessidade de Mia ser magra para ser bonita. Seu pai também faz críticas ao seu estilo com palavras, muitas vezes usando palavras agressivas.

"Eu tava de calça, essa calça, inclusive, e eu tinha colocado um top, que era azul. E eu saí na rua, aí ele começou a me chamar de puta, de um monte de coisa, só porque eu usei top no calor" (Mia)

A partir da fala de Mia, é possível perceber que seus pais possuem atitudes autoritárias, tal qual descrito por Baumrind (1971), tentando controlá-la e moldá-la, utilizando até mesmo da violência verbal. Isso pode ser prejudicial para a formação da identidade e a percepção que ela tem de si mesma, e consequentemente sua autoestima e saúde mental de Mia em geral, visto que a família continua tendo um papel importante na formação da identidade e na percepção que os adolescentes vão formando de si próprios, podendo gerar uma percepção de desvalor e inferioridade (Folquitto *et al.*, 2023; Schultheisz; Aprile, 2013), e o surgimento de posteriores transtornos, como ansiedade e depressão, como mostrado nos estudos de Rappoldi (2001), Davenport *et al.* (2011), e Carrol (2022).

## **b. APOIO FAMILIAR**

Moana, Harry e Grace trouxeram relatos de como suas famílias os apoiam e valorizam em diversos aspectos.

Moana conta como sua tia e sua madrinha valorizam muito sua aparência, dizendo sempre como ela está bonita, mesmo quando ela está, em suas palavras,

"acabada". Ela reforça como isso a ajuda a estreitar os laços de amor e afeto que tem com as duas. Ela também traz como sua avó a apoia nos esportes e nas aulas de música. Antigamente, sua avó queria que Moana tocasse piano como ela tocava, mas agora aceitou que ela prefere outros instrumentos. Quer ainda procurar lugares para que ela possa se aperfeiçoar nas suas habilidades musicais e esportivas.

Grace também diz que a mãe apoia seu estilo de se vestir, e incentiva muito suas habilidades esportivas. Nota-se aqui um contraponto à categoria anterior, com relatos opostos às críticas percebidas pelos outros participantes do grupo.

De acordo com Branden (2011) e Diogo (2009), o apoio familiar, dado por meio de percepções sensíveis sobre as necessidades da criança/adolescente e a relação empática com seus desejos e sonhos, tal qual feito pelas famílias de Moana, Harry e Grace, é importante para que ela consiga desenvolver sua confiança, fortalecer sua autoimagem e seu autovalor, e consiga assim enfrentar os desafios que aparecem em sua vida.

### **c. DIFERENÇAS CULTURAIS**

Grace apontou que sua mãe a apoia no jeito de se vestir, mas as pessoas que moram com ela - outras pessoas que também vieram de Angola e compõem seu círculo familiar, as chamadas *tias* – criticam muito seu jeito de se vestir, querendo que ela se vista com vestidos, como seria tipicamente tradicional em Angola.

Megan, que é uma das pessoas que partilha da residência temporária com Grace, também trouxe essa questão, no qual sua mãe partilha desta visão tanto quanto as pessoas que compartilham do seu lar temporário.

"A gente se veste de uma forma diferente. A gente gosta de vestir roupas grandes, iguais aos ídolos [cantores] que a gente gosta. Agora lá, onde a gente mora agora, as pessoas ficam falando, 'ah, vocês ficam se vestindo tipo rapaz, tem que se vestir mais tipo menininha, usar mais vestidos'." (Grace)

As falas das duas participantes, que são imigrantes, mostram como o contexto em que a pessoa está inserida também afeta as relações que ela constitui (Tudge; Freitas, 2012). Aqui é possível ver o contraste entre as participantes, mais ambientadas em um lugar em que seus pares se vestem da mesma forma que elas,

e as formas de se vestir do seu país de origem, que suas famílias consideram mais apropriadas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou investigar a percepção de adolescentes sobre a parentalidade exercida por seus pais/cuidadores primários, assim como a relação entre esta parentalidade e sua autoestima. Por meio do Grupo Focal realizado, foi possível coletar os relatos, opiniões e percepções de adolescentes a respeito dessa temática. Com base na bibliografia previamente descrita, foi feita análise de conteúdo dos dados coletados.

A partir da revisão da literatura inicial para planejar e dar base ao estudo, buscou-se compreender como se dá a adolescência como fase do desenvolvimento humano, marcada por grandes transformações físicas, sociais e psicológicas, e também qual o papel da família nesta fase.

A partir de diversos estudos, foi possível entender que o conceito de família é amplo, podendo ser formada por diferentes configurações, e ser afetada por diversos contextos, como os sociais e culturais. Foi possível compreender também que a família é o primeiro sistema social que o indivíduo tem contato, e nos quais há a principal transmissão de valores, regras e crenças. A parentalidade, portanto, seria a relação afetiva e socioformativa dos cuidadores para com o indivíduo especialmente na sua infância e adolescência, até atingir a fase adulta, e se tornar independente e autônomo.

Para que o adolescente possa se tornar um adulto saudável, independente e autônomo, ele precisa conseguir lidar com estresse, suas emoções, relações sociais e conseguir resolver problemas. Para tal, ele necessita ter entre diversos fatores, uma boa saúde mental. A autoestima é um dos fatores fundamentais para a saúde mental que permite que o indivíduo lide com tais aspectos da vida. Em poucas palavras, a autoestima pode ser definida como a relação que o indivíduo tem consigo mesmo e suas características, como sua personalidade e identidade, e a confiança que constrói, por meio destas características, para atuar sobre o mundo.

A partir destas relações entre família, indivíduo e autoestima encontradas na literatura, e da observação de que a grande maioria dos estudos brasileiros foram realizados de forma quantitativa, buscou-se por meio desta pesquisa compreender como os adolescentes percebem esses temas.

A partir da realização do Grupo Focal com os oito adolescentes de uma escola municipal da Zona Norte de São Paulo, foi possível chegar a algumas

conclusões:

1. A partir das cinco categorias encontradas nas falas dos adolescentes, foi possível perceber que os participantes entendem que ter autoestima é ter uma boa relação consigo mesmo, aceitando suas próprias características apesar da opinião alheia.

Eles também entendem que a autoestima pode ser afetada por diversos fatores externos, principalmente os comentários e a opinião das pessoas ao redor. Ela também pode ser afetada por fatores internos, como a própria autocomparação com outras pessoas.

2. Por meio das categorias chaves encontradas nos relatos em relação ao relacionamento dos cuidadores com os indivíduos, na infância e na adolescência, foi possível perceber que a adolescência pode ser uma fase de transição afetada pelo contexto em que o adolescente se encontra, sendo mais complicada ou leve para o adolescente a depender também do ambiente familiar e escolar em que o indivíduo se encontra.

Também foi possível perceber que uma boa relação familiar, com a presença de afeto e apoio, pode garantir ao adolescente uma base segura para que ele possa construir sua identidade, confiança, imagem e assim sua autoestima. Essa relação familiar não precisa ser constituída pela tríade mãe-pai-filho, podendo incluir a família extensa, e também podendo sofrer modificações ao longo do tempo, passando por diferentes formatos, como por exemplo, a partir do divórcio ou outras mudanças.

Por outro lado, identificou-se nas falas dos participantes, que, uma relação permeada por conflitos, agressões, falta de apoio e afeto pode fazer com que o adolescente tenha sua autoestima e saúde mental prejudicada, aumentando até mesmo as chances de que ele desenvolva comportamentos de risco.

Ressalta-se que na percepção dos adolescentes não é o divórcio dos pais em si que, quando ocorre, afeta a relação que o indivíduo tem com seus pais e o seu bem-estar mental, mas sim, entre alguns fatores, a presença de conflitos constantes e o grau de envolvimento e exposição dos indivíduos a eles. Além disso, a rejeição ou abandono materno/paterno foram apontados

como aspectos que impactam diretamente no bem estar mental de um indivíduo.

3. Por meio do que foi discorrido acima, o contexto e o ambiente e a cultura em que se está inserido aquela configuração familiar são fatores que impactam o modo como se é exercida a parentalidade. A partir da participação de duas adolescentes imigrantes no grupo, foi possível identificar alguns elementos da relação estabelecida entre pais-filhos atravessadas por questões culturais. As adolescentes citaram questões do país de origem, e da mudança para um novo contexto, e mencionaram perceber diferenças entre gostos e formas de pensar delas e dos cuidadores, que perpassam não só a questão geracional, mas também cultural.

Um dos objetivos específicos do trabalho era buscar compreender justamente como diferentes culturas impactam a parentalidade, considerando o macrocontexto no qual vivem as famílias. Não foi possível aprofundar nessa questão, embora alguns aspectos foram identificados e apontados acima. Em função de razões contextuais (greve das escolas municipais de São Paulo), foi necessário mudar o planejamento original da pesquisa, e ao invés da realização de dois grupos, foi possível realizar apenas um.

Ressalta-se aqui que esta é uma limitação da pesquisa realizada, resultando em uma amostra pequena de participantes,. Estudos futuros podem aumentar o número e diversificar as características dos adolescentes, para maior aprofundamento e compreensão do tema. Apesar dessa questão, entende-se que essa pesquisa cumpriu seus objetivos, e tornou para a aluna-pesquisadora um importante exercício de pesquisa e integração teórico-prática.

## 6. REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Alexandra; RODRIGUES, Nuno F. R. Determinantes sociais e económicos da Saúde Mental, **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, Volume 28, Issue 2, 2010, Pages 127-131, SSN 0870-9025,

ANDRADE, André Luiz M.; BEDENDO, André; ENUMO, Sônia Regina F.; MICHELI, Denise de. Desenvolvimento cerebral na adolescência: aspectos gerais e atualização. **Adolesc. Saude**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, p. 62-67, dezembro 2018.

ANTONI, Clarissa De; KOLLER, Silvia Helena. Uma família fisicamente violenta: uma visão pela teoria bioecológica do desenvolvimento humano. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 1, p. 17-30, 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2010000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100003&lng=pt&nrm=iso)>.

ARAÚJO, Raquel F. d. S.; MOUCHERER, Michelle C. Abandono afetivo na infância e os danos psicológicos: Uma revisão integrativa da literatura **Research, Society and Development**, v. 11, n. 15, e274111536934/. 2022 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i15.36934>.

ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzales C.; ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo P. do C. **A entrevista na pesquisa qualitativa - mecanismos para validação dos resultados**. Grupo Autêntica, 2007. E-book. ISBN 9788582178768.

ARMITAGE, R. Bullying in children: impact on child health. Review. **BMJ Paediatr Open**. 2021 Mar 11;5(1):e000939. doi: 10.1136/bmjpo-2020-000939. eCollection 2021.

ASSIS, S.G.; AVANCI, J.Q. . **Uma bússola no labirinto: bases que formam e investigam a autoestima**. In: **Labirinto de espelhos: formação da autoestima na infância e na adolescência**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. Criança, Mulher e Saúde collection, pp. 25-48. ISBN 978-85-541-333-3.

BANDEIRA, Cláudia d. M.; HUTZ, Claudio S. As implicações do bullying na autoestima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 14, Número 1, Janeiro/Junho de 2010: 131-138

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70. 2015. 288 páginas.

BAUMRID, Diana. Current Patterns of Parental Authority. **Developmental Psychology Monograph** Volume 4, No. 1, Part 2 January 1971. University of California, Berkeley

BARRETO, André de Carvalho. PARADIGMA SISTÊMICO NO DESENVOLVIMENTO HUMANO E FAMILIAR: A TEORIA BIOECOLÓGICA DE

URIE BRONFENBRENNER. **Psicol. rev.** (Belo Horizonte), Belo Horizonte , v. 22, n. 2, p. 275-293, agosto 2016 .

BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. **Psicologia: Reflexão e Crítica** [online]. 2006, v. 19, n. 2 pp. 261-268. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000200012>>.

BELSKY, J. (1984). The Determinants of Parenting: A Process Model. **Child Development**, 55(1), 83. doi:10.2307/1129836

BOAS, Ana Carolina Villares Barral Villas; DESSEN, Maria Auxiliadora; MELCHIORI, Lígia Ebner. Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: uma revisão teórica. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 62, n. 2, p. 91-102, 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-5267201000020009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-5267201000020009&lng=pt&nrm=iso)>

BOLSONI-SILVA, Alessandra; MARTURANO, Edna. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estudos de Psicologia**, 7(2), 227-235. 2002.

BOLZE, Simone Dill; SILVA, Regiane da. **DIFERENTES CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: REPERCUSSÕES NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**. 2016. Disponível em [ensinosuperior.sed.sc.gov.br](http://ensinosuperior.sed.sc.gov.br)

BRANDEN, Nathaniel. **Autoestima e os Seus Seis Pilares**. Editora Bantam Books. 368 páginas. Reprint 1ed. 2011.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União. ano 1990. Acesso em: 25 ago. 2023

CALAÇA, Mickaelle Bezerra; COSTA, Grazielle de Sousa. **IMPACTOS DO ABANDONO MATERNO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA**. VI Congresso Virtual de Gestão, Educação e Promoção da Saúde. 2017.

CAROLL, P. Effectiveness of Positive Discipline Parenting Program on Parenting Style, and Child Adaptive Behavior. **Child Psychiatry Hum Dev** 53, 1349–1358 (2022). <https://doi.org/10.1007/s10578-021-01201-x>

CASEY, B. J., JONES, R. M., & SOMERVILLE, L. H. Braking and Accelerating of the Adolescent Brain. **Journal of Research on Adolescence**, 21(1), 21–33. doi:10.1111/j.1532-7795.2010.00712.x. 2011

COELHO, Maria Teresa B. F.; DIAS, Cristina Maria de S. B. Avós Guardiões: Uma Revisão Sistemática de Literatura do Período de 2004 a 2014. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 32 n. 4, pp. 1-7. 2014. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e324214>

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. V.1.Grupo A, 2016. E-book. ISBN 9788536307763.

DAVENPORT, Emily; YAP, Marie B.H; SIMMONS, Julian G. ; SHEEBER, Lisa B. ; ALLEN, Nicholas B. Maternal and adolescent temperament as predictors of maternal affective behavior during mother–adolescent interactions. **Journal of Adolescence**, Volume 34, Issue 5, 2011, Pages 829-839.

DIOGO, Fernanda Vilela. **Relação familiar e autoestima**. Revista Investigação | v. 9 | n. 1 | p. 17–24 | JAN./ ABR. 2009

DUARTE, Patrícia. **Qual idade da relação entre pais e filhos e autoestima: estudo exploratório com adolescentes**. Tese. Mestrado em Psicologia Clínica. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Portugal. 2009

ERIKSON, Erik. **O Ciclo da Vida Completo**. Porto Alegre. Artes Médicas. 1998

FRAGELLI, Raissa M.; ALBUQUERQUE, Paloma P. d. **Impactos do Bullying na Autoestima e Autoimagem**. Revista Psicologia e Saúde, v. 14, n. 4, out./dez. 2022, p. 57–69

FERREIRA, D. I. T. **Influência do estilo parental nos níveis de ansiedade social e autoestima em adolescentes**. Tese (Mestrado em Psicologia) – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/288868471.pdf>

FOLQUITTO, Camila Tarif F.; GARBARINO, Mariana I.; SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. **Psicologia do Desenvolvimento - Teorias e Práticas Contemporâneas**. Grupo GEN, 2023. E-book. ISBN 9788521638513.

GOMES, Vera Lúcia de Oliveira; TELLES, Kátia da Silva; ROBALLO, Evelyn de Castro. **GRUPO FOCAL E DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM SAÚDE DE ADOLESCENTES**. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, vol. 13, núm. 4, outubro-diciembre, 2009, pp. 856-862 Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, Brasil

LILA, Tiago Filipe. **AUTOESTIMA E PERCEPÇÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS NA FASE FINAL DA ADOLESCÊNCIA**. Tese. Mestrado Integrado em Psicologia Clínica. Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Portugal. 2009

LUCKESI, Cipriano C. **Ludicidade e atividades lúdicas na prática educativa: compreensões conceituais e proposições**. Cortez, 2023. E-book. ISBN 978655553611.

MRUCK, Christopher J. **SELF-ESTEEM RESEARCH, THEORY, AND PRACTICE**. 3ed. Springer Publisher Company. 2006.

MAFIOLETTI MACARINI, Samira; DAL FORNO MARTINS, Gabriela; MINETTO, Maria de Fátima J.; VIEIRA, Mauro Luis. Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, vol. 62, núm. 1, 2010, pp. 119-134 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

MALTA, D.C.; Oliveira W.A.; PRATES, E.J.S.; MELLO, F.C.M.; MOUTINHO, C.S., SILVA, M.A.I. Bullying among Brazilian adolescents: evidence from the National Survey of School Health, Brazil, 2015 and 2019. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 2022;30(spe):e3678. Available in: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6278.3678>

MELLO, F. C. M. *et al.*. Evolução do relato de sofrer bullying entre escolares brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - 2009 a 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, p. e180015, 2018.

MILLS, Kathryn; ANANDAKUMAR, Jeya. **O CÉREBRO ADOLESCENTE É LITERALMENTE INCRÍVEL**. in: Tudo o Que Tu e teu Professor Precisam de Saber Acerca de Um Cérebro em Aprendizagem. Frontier For Young Minds. Maio, 2023

NELSEN, J. **Disciplina Positiva**. 3. ed. Manole. Barueri, São Paulo. 2016.

NEYRAND, Gérard. TRAD: Fernanda Hermínia Oliveira Souza e Cristina Fontella. Diga, Gérard, o que é a parentalidade? **Clínica & Cultura** v.5, n.1, jan-jun, 2016, 107-120.

PAIXÃO, Raquel; PATIAS, Naiana; DELL'AGLIO, Débora. • Psic.: Teor. e PeAutoestima e Sintomas de Transtornos Mentais na Adolescência: Variáveis Associadas. **Psicologia Clínica e Culturas**. 34 • 2018 <https://doi.org/10.>

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin; **Desenvolvimento Humano** 12. ed. Porto Alegre. 2022

PEREIRA, Camila de Souza; CIA, Fabiana; BARHAM, Elizabeth Joan. Autoconceito, habilidades sociais, problemas de comportamento e desempenho acadêmico na puberdade: inter-relações e diferenças entre sexos. **Interação em Psicologia**, v.12, p.203-213, 2008.

RAPPOLDI, Caroline Tozzi. **Estilo parental percebido e adaptação psicológica de adolescentes adotados**. Dissertação de Mestrado. Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. UFRGS. 2001.

RIBEIRO, Vitoria de Oliveira; FERRAZ, Thais Cristina Pereira. PARENTALIDADE: ESTILOS PARENTAIS E SOFRIMENTO SOCIOEMOCIONAL. **Cadernos De Psicologia**, Juiz de Fora, v. 4, n. 8, p.722-738, jul./dez. 2022 – ISSN 2674-9483

ROSSI, Livia; MARCOLINO, Tais; SPERANZA, Marina; CID, Maria Fernanda. Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. **Cad. Saúde Pública** 2019; 35(3):e00125018

SÁ, Vanessa. **Estilos Parentais e Compreensão Emocional de Crianças em Idade Pré-escolar**. Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE. Escola de Ciências Sociais e Humanas Departamento de Psicologia Social e das Organizações [Tese de Mestrado]. Outubro, 2017

SANTROCK, John W. **Adolescência**. tradução: Sandra Mallmann da Rosa ; revisão técnica: Silvia H. Koller. 14. ed. Porto Alegre : AMGH, 2014.

SANTOS, Edemilson P.; COSTA, Aline A Z. **Cuidado integral à saúde do adolescente**. Grupo A, 2019. E-book. ISBN 9788595029446.

SANTOS, Tânia Cristina Alves dos; RODRIGUES, Karen Lúcia Abreu. **IMPACTOS DAS REDES SOCIAIS EM RELAÇÃO À AUTOESTIMA E AUTOIMAGEM**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 851–862, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i3.8724. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/8724>.

SÁNCHEZ MORENO, E., & BARRÓN LÓPEZ DE RODA, A. (2003). Social psychology of mental health: the social structure and personality perspective. **The Spanish journal of psychology**, 6(1), 3–11. <https://doi.org/10.1017/s1138741600005163>

SCHULTHEISZ, Tais. APRILE, Maria Rita. Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. **Revista Equilíbrio Corporal e Saúde**, 2013;5(1):36-48

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães. DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** Jan-Mar 2012, Vol. 28 n. 1, pp. 101-108

SILVA, Clebson Assis da; SCHWERTNER, Suzana Feldens; ZANELATTO, Elisangela Mara. Grupos focais: desafios e possibilidades na pesquisa qualitativa. **Debates em Educação** | Maceió | Vol. 11 | Nº. 24 | Maio/Ago. | 2019

SILVA, Maria Luiza lusten da; VIEIRA, Mauro Luís. Relações entre a parentalidade e a personalidade de pais e mães: uma revisão integrativa da literatura. **Psicologia do Desenvolvimento. Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 1 p. 361-383. Janeiro a Abril de 2018.

SE, Jurema Hughes Sento; STRACK, Miriam Medeiros; FERREIRA, Sonia Mairos Baptista. PARENTALIDADE ATRAVÉS DA DISCIPLINA POSITIVA: REVISÃO DE LITERATURA. **Revista Educação e Ciências Sociais**, UNEB, Salvador.v.6, n10, jan – jun. de 2023 - ISSN 2595-9980 DOI: <https://doi.org/10.38090/recs.2595-9980.v6.n10.16532>

SIQUEIRA, Mirlene; PADOVAM, Valquíria. Bases Teóricas de Bem-Estar Subjetivo, Bem-Estar Psicológico e Bem-Estar no Trabalho. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 24 n. 2, pp. 201-209. 2008

SOUZA, Luciana Karine de. Recomendações para a Realização de Grupos Focais na Pesquisa Qualitativa. **PSI UNISC**, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 1, jan./jun. 2020, p.<52-66>

STEIGER, Andrea E ; ALLEMAND, Mathias ; ROBINS, Richard W ; FEND, Helmut A. Low and decreasing self-esteem during adolescence predict adult depression two decades later. Zurich Open Repository and Archive, University of Zurich. **Journal of Personality and Social Psychology**, 106(2):325-38. 2014.

TEIXERA, Igor B.; MARQUES, Tania B I.; BARROS, Doriana D.; *et al.* **Psicologia do desenvolvimento da adolescência ao envelhecimento.**: Grupo A, 2022. E-book. ISBN 9786556903002.

TEIXEIRA, M. A. P.; OLIVEIRA, A. M.; WOTTRICH, S. H.. **Escala de Práticas Parentais (EPP): avaliando dimensões de práticas parentais em relação a adolescentes.** Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 19, n. 3, p. 433–441, 2006

TUCHERMAN, Sonia E. **Autoestima.** Editora Blucher, 2019. E-book. ISBN 9788521214847.

TUDGE, Jonathan Richard Henry; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. Internacionalização, globalização e cultura. **Psicologia & Sociedade** [online]. 2012, v. 24, n. 3 pp. 547-556. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000300008>>. Epub 10 Jan 2013. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000300008>.

VASCONCELOS, Viviane Coneglian Carrilho de. O inhengue e o tornar-se mulher: rituais de iniciação feminina entre mulheres Guarani no litoral de Santa Catarina. **Anais da VIII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia** – ISSN: 2358-5684. VIII ReACT – 22 a 26 de novembro de 2021

WEBER, L. N.; STASIAK, G. R. e BRANDENBURG, O. J. **Percepção da interação familiar e autoestima de adolescentes.** Aletheia, (17-18), 95-105. Canoas, Rio Grande do Sul. 2003.

WEBER, L. N. D., PRADO, P. M., VIEZZER, A. P.; BRANDENBURG, O. J. Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 17(3), 323–331. 2004.

XAVIER, Alessandra Silva; NUNES, Ana Ignez. **Psicologia do desenvolvimento.** 4. ed. rev. e ampl. Fortaleza : EdUECE, 2015

ZORNIG, Silvia Maria. **Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade.** Tempo psicanalítico, Rio de Janeiro, v.42.2, p.453-470. 2010

## 7. APÊNDICE

### 7.1 APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO RESPONSÁVEL PELO MENOR - TCLE

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

Título do Projeto de Pesquisa: *Adolescência, parentalidade e autoestima: uma análise dos impactos da criação na autoestima a partir de relatos de adolescentes*

Pesquisador Responsável: Sthefany Moreno Barboza

Local onde será realizada a pesquisa: EMEF XXXX

Seu/Sua filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa acima especificada. O convite está sendo feito a ele (ela) porque ele(a) é um estudante do 9º ano, entre os 13 e 15 anos. Sua concordância é importante, porém, você não deve autorizar seu/sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) contra a sua vontade.

Antes de decidir, é importante que você entenda por que esta pesquisa está sendo realizada, todos os procedimentos envolvidos, os possíveis benefícios, riscos e desconfortos que serão descritos e explicados abaixo.

A qualquer momento, antes, durante e depois da pesquisa, você poderá solicitar maiores esclarecimentos, ou retirar a autorização. Em todos esses casos você e Seu/Sua filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) não serão prejudicados, penalizados ou responsabilizados de nenhuma forma.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis pela pesquisa que são a aluna **Sthefany Moreno Barboza**, no telefone XXXX e e-mail XXXX e a Prof. Dra. **Miriam Raquel Wachholz Strelhow**, XXXX ou XXXX, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Este estudo foi analisado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos

como participante deste estudo ou se estiver insatisfeito com a maneira como o estudo está sendo realizado, entre em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, Sede Monte Alegre, com endereço na Rua Ministro Godói, 969, Perdizes, São Paulo, SP. Tel./FAX: (11) 3670-8466; e e-mail: cometica@pucsp.br**

Todas as informações coletadas neste estudo serão confidenciais (seu nome e de seu filho jamais será divulgado). Somente o pesquisador e/ou equipe de pesquisa terão conhecimento da identidade de seu/sua filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) e nos comprometemos a mantê-la em sigilo. Os dados coletados serão utilizados apenas para esta pesquisa.

Após ser apresentado(a) e esclarecido(a) sobre as informações da pesquisa, no caso de autorizar seu/sua filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) como voluntário(a), você deverá rubricar todas as páginas e assinar ao final deste documento elaborado em duas vias. Também, abaixo a este documento seu/sua filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) será esclarecido sobre a pesquisa e no caso de aceitar participar como voluntário da pesquisa, deverá assinar. Cada via também será rubricada em todas as páginas e assinada pelo pesquisador responsável, devendo uma via ficar com você, para que possa consultá-la sempre que necessário.

### **INFORMAÇÕES IMPORTANTES QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE A PESQUISA**

- Justificativa para realização da pesquisa: a pesquisa realizada é parte do trabalho de conclusão do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) da aluna Sthefany Moreno Barboza.
- Objetivos da pesquisa: O objetivo desta pesquisa é investigar a percepção de adolescentes sobre a parentalidade exercida por seus pais, assim como a relação entre esta parentalidade e sua autoestima. Para isso iremos buscar compreender a visão que os adolescentes têm da parentalidade exercida por seus pais; compreender a partir dos relatos dos adolescentes quais são as bases que fundamentam a autoestima destes adolescentes na percepção dos mesmos; investigar como os adolescentes compreendem a relação entre a parentalidade exercida por seus pais e sua autoestima e por fim compreender como diferentes culturas influenciam a parentalidade
- População da pesquisa: adolescentes de ambos os sexos entre 13 e 15 anos
- Procedimentos aos quais será submetido(a): o participante participará de um grupo focal cujo objetivo será falar sobre suas experiências, pensamentos e ideias em

relação à parentalidade exercida por seus pais. O grupo terá duração de 1h30, e o áudio ficará gravado para posterior transcrição.

- Riscos em participar da pesquisa: cansaço físico gerado pela participação do grupo
- Benefícios em participar da pesquisa: o grupo servirá como um espaço para compartilhamento de sentimentos e experiências para o voluntário. O adolescente será ouvido sem julgamentos, suas falas serão valorizadas, e ele irá compartilhar esse momento com outros adolescentes da mesma idade.
- Forma de acompanhamento do tratamento: não há
- Métodos alternativos de tratamento e/ou tratamento padrão: não há
- Privacidade e confidencialidade: os pesquisadores se comprometem a tratar seus dados de forma anônima, com privacidade e confidencialidade, utilizando do áudio gravado apenas para a transcrição do ocorrido no grupo, com anonimato de nomes.
- Acesso a resultados parciais ou finais da pesquisa: o participante tem o direito, caso solicite, a ter acesso aos resultados da pesquisa após a conclusão do trabalho.
- Custos envolvidos pela participação da pesquisa: a participação na pesquisa não envolve custos, tampouco compensações financeiras. Se houver gastos, como de transporte e alimentação, eles serão ressarcidos.
- Danos e indenizações: Se ocorrer qualquer problema ou dano pessoal durante ou após os procedimentos aos quais seu/sua) filho(a) (ou menor sob sua responsabilidade) foi submetido lhe será garantido o direito a tratamento imediato e gratuito na Instituição, não excluindo a possibilidade de indenização determinada por lei, se o dano for decorrente da pesquisa.

**CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE**

Eu, abaixo assinado, declaro que concordo em autorizar meu (minha) filho(a) (ou menor sob minha responsabilidade) desse estudo como voluntário(a) de pesquisa. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre o objetivo desta pesquisa, que li ou foram lidos para mim, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de participação de meu/minha filho(a) (ou menor sob minha responsabilidade) e esclareci todas as minhas dúvidas.

Foi-me garantido que eu posso me recusar a autorizar e retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me cause qualquer prejuízo, penalidade ou responsabilidade meu/minha filho(a) (ou menor sob minha responsabilidade).

Autorizo a divulgação dos dados obtidos neste estudo mantendo em sigilo a identidade meu/minha filho(a) (ou menor sob minha responsabilidade). Informo que recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e assinadas por mim e pelo Pesquisador Responsável.

Nome do(a) menor participante:

\_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Nome do (a) responsável legal

\_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local e data: \_\_\_\_\_

OBS.: O termo apresenta duas vias, uma destinada ao responsável legal e a outra ao pesquisador.

## 7.2 APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO VOLUNTÁRIO

### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(maiores de 6 anos e menores de 18 anos)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa ***Adolescência, parentalidade e autoestima: uma análise da relação entre parentalidade e autoestima a partir da percepção de adolescentes.*** Seus pais permitiram que você participe.

Queremos saber a percepção de adolescentes sobre a parentalidade exercida por seus pais, assim como a relação entre esta parentalidade e sua autoestima. Entende-se por parentalidade a relação entre pais e filhos, seus desdobramentos psíquicos e sociais; e entende-se a autoestima como um componente da saúde mental, que compreende a relação do sujeito consigo mesmo. Os adolescentes que irão participar desta pesquisa têm de **13 a 15 anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.**

A pesquisa será feita na sua escola, onde os adolescentes irão se reunir em um grupo focal para conversar sobre questões sobre parentalidade e compartilhar suas experiências. A conversa terá duração aproximada de uma hora. Será conduzida por mim, e o áudio da conversa será gravado para que eu possa ouvir novamente e analisar depois. O grupo focal é considerado seguro, mas é possível ocorrer algum desconforto físico pela participação no grupo, como cansaço físico. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos **telefones XXXX** da pesquisadora **Sthefany Moreno Barboza e/ou XXXX da pesquisadora e professora Miriam Raquel W. Strelhow.**

Mas há coisas boas que podem acontecer a partir do grupo, como um espaço seguro para compartilhamento de opiniões, sentimentos e experiências em relação à parentalidade.

Se você morar longe da EMEF, nós daremos a seus pais dinheiro suficiente para transporte, para também acompanhar a pesquisa.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os adolescentes que participaram e nem a escola em que foi realizada a pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa divulgaremos os resultados de forma anônima e sigilosa de modo que você não possa ser identificado. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi os telefones na parte de cima deste texto.

### CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa ***Adolescência, Parentalidade e Autoestima: uma análise da relação entre parentalidade e autoestima a partir da percepção de adolescentes.***

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir, e que ninguém vai ficar furioso.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma via deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Nome do (a) menor

\_\_\_\_\_

Nome do (a) pesquisador (a)

\_\_\_\_\_

Assinatura do menor

\_\_\_\_\_

Assinatura do(a) pesquisador(a)

\_\_\_\_\_

## DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária, o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante e do representante legal para a participação neste estudo. Declaro ainda que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Nome do Pesquisador:

\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local/data: \_\_\_\_\_

Nome do auxiliar de pesquisa/testemunha (Se houver):

\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local/data: \_\_\_\_\_

(ATENÇÃO :Os campos para assinatura devem ser uma continuidade do TCLE e não vir em folha separada; Favor ajustar a paginação para que isso não ocorra. Nos casos em que o participante for analfabeto, incluir espaço para impressão digital e deixar espaço para assinatura de ao menos uma testemunha que presenciou o esclarecimento/consentimento com a seguinte declaração: Presenciei a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do participante. Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores)

|                                                       |
|-------------------------------------------------------|
| Assinatura Datiloscópica<br><br>(se não alfabetizado) |
|-------------------------------------------------------|

Presenciei a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do participante.

NOME:

ASSINATURA

DATA: ...../...../.....

### 7.3 APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO INSTITUCIONAL

#### PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

##### CARTA DE ACEITE

À Comissão de Ética em Pesquisa da PUC-SP,

Prezada Comissão de Ética em Pesquisa da PUC-SP, na função de representante legal da **EMEF XXXX**, informo que o Projeto de Pesquisa intitulado **"ADOLESCÊNCIA, PARENTALIDADE E AUTOESTIMA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES"** apresentado pela pesquisadora STHEFANY MORENO BARBOZA, sob orientação da PROF. DRA. MIRIAM RAQUEL WACHHOLZ STRELHOW, e que tem como principal objetivo "a investigação da percepção de adolescentes sobre a parentalidade exercida por seus pais, assim como a relação entre esta parentalidade e sua autoestima", foi analisado e autorizado em sua realização, após a apresentação do parecer favorável emitido pela Comissão de Ética em Pesquisa da PUC-SP.

Solicito a apresentação do Parecer de Aprovação da Comissão de Ética em Pesquisa da PUC-SP para iniciar a coleta de dados nesta Instituição.

**"Declaro reconhecer a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar"**

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_  
(local e data)

---

(Nome completo, legível, e carimbo institucional do representante legal)

## 7.4 APÊNDICE D - ROTEIRO DE CONDUÇÃO DO GRUPO FOCAL

### ROTEIRO DE CONDUÇÃO DO GRUPO FOCAL

1. Compreender a partir dos relatos dos adolescentes quais são as bases que fundamentam a autoestima na percepção dos mesmos (30 min)
  - a. O que é autoestima para vocês?
  - b. Que aspectos vocês acham que interferem na autoestima de uma pessoa?
2. Compreender a visão que os adolescentes têm da parentalidade exercida por seus pais (30min)
  - a. Como era o relacionamento com seus pais na infância?
  - b. Como é esse relacionamento agora na adolescência?
3. Investigar como os adolescentes compreendem a relação entre a parentalidade exercida por seus pais e sua autoestima; (30min)
  - a. Vocês acham que a relação com seus pais/cuidadores afeta a autoestima de vocês? Como se dá essa influência? É por meio de falas, apoio, atitudes?